

O LUTO PELA PERDA DE UM FILHO NA PERCEPÇÃO DO PAI^I MOURNING THE LOSS OF A CHILD IN THE FATHER'S PERCEPTION

Julio César Silveira^{II}

Solange Zanatta Piva^{III}

Resumo: O estudo examinou o luto pela perda de um filho na percepção do pai. O objetivo geral foi compreender como homens, pais, elaboram o processo de luto de seus filhos. O plano metodológico caracteriza a pesquisa como estudo de campo, orientado por método de abordagem qualitativo e objetivo de natureza descritiva. Os resultados evidenciaram que os cinco pais entrevistados necessitam falar de seus sentimentos e emoções; a tristeza, o choque e o desespero foram emoções que todos eles manifestaram; a maioria dos pais apresenta resistência em falar de sentimentos relacionados à dor; eles expressam sentimentos de saudade e emoções que ainda lhes trazem e causam muita dor, tristeza e angústia; a maioria dos pais está buscando alternativas para desviar o foco do luto; o rompimento dos vínculos afetivos afetou a vida deles, contribuindo para que se manifestassem mudanças na rotina de suas vidas.

Palavras-chave: Luto. Pai. Filho.

Abstract: The study examined mourning over the loss of a child in the father's perception. The overall objective was to describe the grieving perception of parents who lost a child. The methodological plan characterizes the research as a field study, guided by a qualitative and objective approach method of a descriptive nature. The results showed that the interviewees need to talk about their feelings and emotions; sadness, shock and despair were emotions that they all manifested; most parents are resistant to talking about feelings related to pain; they express feelings of longing and emotions that still bring them and cause a lot of pain, sadness and anguish; most parents are looking for alternatives to divert the focus of grief; the breaking of affective bonds affected their lives, contributing to changes in the routine of their lives.

Keywords: Mourning. Dad. Son.

INTRODUÇÃO

^I Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

^{II} Acadêmico do curso de Psicologia. E-mail: professorjuliosilveira@gmail.com

^{III} Professora orientadora. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: solange.piva@unisul.br

Para construir o estudo, primeiramente, foram consultadas bases de dados utilizando os termos “luto paterno” e “paterno desenvolvimento infantil” nos periódicos: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Biblioteconomia Digital, Informação Tecnologia e Conhecimento, Repositórios Digitais, Scielo e Google Acadêmico.

Foram localizados artigos e dissertações que descrevem o luto em dimensões múltiplas, mas, no que tange ao luto do pai pela morte de um filho foram encontradas somente as dissertações de Leite (2016) e Quintans (2018), as quais evidenciam o luto paterno no que diz respeito ao parto humanizado e à perda gestacional/neonatal.

Também foram pesquisados os livros de Santos (2009), Parkes (1998), Klübler-Ross (2019), Doyle (2012), Perazzo (2019), Walsh e McGoldrick (1998), Santos (2014) e Gomes (2003), junto aos quais não foi localizado algum capítulo que trate sobre a temática do luto paterno, mas cuidam do assunto abrangendo outras multifaces, que visam trazer luz à proposta de fundamentação teórica, adiante apresentada, na busca de atender as demandas elencadas pelo estudo.

Além dos estudos retro citados, o autor também recorreu, em pesquisa de campo, a entrevistas para dar suporte àquilo que a investigação se propôs, que é responder ao problema de pesquisa.

Com o termo de busca, “paterno desenvolvimento infantil”, tratou-se da temática do envolvimento do pai com o filho, em relação a isso, Reis (2016, p. 45) afirma que se estabeleceu na sociedade que “o homem não pode demonstrar suas fraquezas, mas forças, vitalidade, agressividade e, acima de tudo, deve ser provedor.”

Quanto ao envolvimento paterno no desenvolvimento da criança, nota-se que alguns homens sonham em ter filhos e desejam participar efetivamente do seu desenvolvimento. Montgomery (1993, p. 66) relata que, “um bom pai é aquele que se desenvolve com os filhos. Uma vez que, os pais formam as crianças na medida exata em que os filhos formam seus pais.” Benczik (2011) refere que a figura paterna é reconhecida e que a relação entre pai e filho é decisiva para que o filho se desenvolva psicicamente. Para Aberatury, (1991 *apud* BENCZIK, 2011) o contato corpo a corpo, entre o bebê e o pai, no cotidiano, é importante à organização da psique da criança, devido a sua função estruturante para o desenvolvimento do ego.

A relação entre pai e filho é permeada por vínculos de afeto e apego que podem se entrelaçar pelo amor e pelo ódio, dependendo das circunstâncias situacionais. Quando ocorre a morte de um filho, no luto do pai, sonhos e planos se congelam e interrompem-se, ficam para trás e nunca mais serão alcançados.

Ao analisar o luto, Silva (2015), Leite (2016), Gonçalves (2014) e Quintans (2018) explicitam que o ser humano, desde a tenra idade, compreende o quanto é finito e que um dia será alcançado pela morte. Mas, numa época em que se vive em meio a todo progresso e avanços na área da saúde, a morte parece se restringir a um evento próprio da velhice e está fora da pauta do diálogo cotidiano. Nota-se também que há acentuada relutância em se comentar o morrer. Verdades, (2006 *apud* QUINTANS, 2018, p. 20) afirma que “hoje se vive em uma sociedade tanatofóbica, na qual o medo da morte é intenso,” talvez, por isso as pessoas relutem em falar sobre o assunto.

Contudo, a sociedade atual vive como se a morte fosse algo restrito ao final da velhice, mas não é. Contrariamente, é bastante presente tanto entre crianças e jovens quanto entre adultos e idosos – a morte atinge a todos, independentemente de idade.

Passa-se a vida sonhando e vislumbrando como o futuro será, planeja-se encontrar um emprego bem remunerado, um grande amor, casar, comprar uma boa casa, ter um bom carro, ter filhos ou, no lugar disso ou junto a tudo isso, dedicar-se aos estudos, conhecer o mundo, enfim são alguns planos e sonhos que fazem parte do cotidiano e que talvez se cristalizem em algum momento ou não.

Dentro do universo de possibilidades que se elabora a vida, a única certeza que se tem é que um dia ter-se-á de lidar com a morte, senão a pessoal, a de um filho, pai, mãe, irmão, etc., porquanto, faz-se necessário entender como a sociedade e o homem, como indivíduo, processam o luto para saber qual o melhor caminho a seguir, pois, conforme Perazzo (2019) destacou no título de seu livro: “Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim.”

Segundo Raeburn (2015) há fortes evidências de que há um hiato na literatura a ser preenchido com mais pesquisas e estudos que envolvam o pai. A Psicologia possui instrumentos que podem auxiliar aqueles que sofrem com a perda de um filho à morte, pois, tem por finalidade trazer contribuições para amenizar a dor pela qual passam durante o processo de sofrimento do luto.

O tema selecionado foi planejado visando: Compreender como homens pais elaboram o processo de luto de seus filhos. Identificar sentimentos e reações desde a notícia da perda do filho até o momento atual. Investigar as mudanças que ocorrem na trajetória da vida do pai durante o período de luto. Verificar o que os pais fizeram e fazem para enfrentar o luto. Levantar os tipos de ajuda que o pai enlutado procurou ou procura no processo do luto. Uma vez que, se entende necessário desmistificar esse assunto, de forma a romper com preconceitos que ainda persistem no seio do tecido social e que são usualmente tratados como tabu.

A motivação para investigar o tema parte do entendimento de que a parcela de pais que perderam um filho à morte passa por um processo severo, agudo e agressivo que não se assemelha ao que atinge outras parcelas populacionais. O estigma que acompanha a morte tem se mostrado fundamento suficiente para silenciar a respeito do assunto ao ponto de torná-lo quase que invisível aos olhos da sociedade.

Bom testemunho disso é o fato de a morte não aparecer em algum discurso ou debate relevante da atualidade. Além de comentários daqueles que se dedicam à saúde, a morte também não encontra lugar comum em conversas corriqueiras do cotidiano. Fora os trabalhadores da saúde mental, quem irá dedicar-se a ouvir um pai enlutado pela perda de um filho à morte? Quem, em sã consciência, ousa dizer a um pai enlutado: “isso vai passar?” Se estas indagações remetem o espírito do leitor a algum tipo de resignação não se pode afirmar, no entanto, autorizam questionar: E o que dizer do sofrimento do pai cujo filho morreu em seus braços?

Por conta dessas e das razões que se passa a expor, foi que se entendeu conveniente e oportuno contribuir para que a discussão teórica e alguns dados relativos às entrevistas efetuadas com 05 (cinco) pais enlutados dessem voz a essa parcela da população. Embora seja uma forma acanhada de expor o assunto, talvez possa ser um ponto de partida para novas reflexões a respeito do tema.

Junto aos aspectos que contribuem para particularizar o luto pela perda de um filho na percepção do pai está o fenômeno sócio demográfico caracterizado pelo crescimento da população de pais enlutados. (DINIZ, 2011). A pertinência dessas razões leva à necessidade do desenvolvimento de estudos e pesquisas, notadamente, porque à sociedade é importante que se investiguem determinadas porções da realidade empírica, como também porque há o enfrentamento da

situação problema e, sobremaneira, do atendimento às necessidades que particularizam e tipificam a população de pais enlutados pela morte de um filho.

Na esfera teórica, a importância da espécie situa-se na clarificação de alguns conceitos relativos ao tema. No campo prático, tem-se a possibilidade de avançar em modelos ou concepções que permitam efetuar encaminhamentos para o quadro geral examinado, como também se tem a oportunidade de identificar pontos vulneráveis ou aspectos ainda pouco aclarados pela literatura e buscar respostas que possam se afigurar satisfatórias a alguns desafios que se entabulam no cenário investigado.

Vem a robustecer os motivos expostos o fato de os achados da pesquisa poderem servir de base para o desenvolvimento de novas investigações ou aprofundamentos sobre o tema, especialmente, porque à evidência dos resultados alcançados e das conclusões obtidas visa-se efetuar encaminhamentos e repassar os achados da investigação à comunidade científica, particularmente, àqueles que tenham interesse por pesquisas de mesma natureza, sendo o mesmo válido para a comunidade acadêmica e à população em geral.

Relação entre pai e filho

Na pós-modernidade, significativa parte do tecido social vive em constante mudança sociotecnológica, de modo que o indivíduo precisa se adequar para que possa dar conta das novas demandas que surgem constantemente. Essas mudanças atingem de forma frontal as incumbências de cada membro da família.

No modelo de família patriarcal, o pai determinava tudo ou quase tudo, a educação que dele emanava era vista como disciplinadora e autoritária. Esse modelo desfavorecia o diálogo e a democracia. Mas, serviu, por longo tempo, às estruturas que permearam as sociedades anteriores ao século XX e que, ainda hoje, dão mostras de resquícios que perduram a despeito de todas as mudanças sociais ocorridas.

Em função dessas mudanças na organização familiar, outros arranjos entre os seus membros acontecem. Anteriormente a figura paterna era imposta e assemelhada a Deus e o seu papel jamais era contestado. Com o transcorrer dos tempos, essa autoridade perde força, surgindo um pai afetoso e tolerante, representado pela compaixão. Por meio deste sentimento, a posição de autoridade do Deus pai é diluída e complementada por outras instâncias como o Estado e a Nação, abrindo-se assim espaço para a figura do feminino. No início do século XX, com a

revolução burguesa, o pai não se configura mais como um Deus soberano. (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p. 2).

Posteriormente, outras formas de se fazer as coisas foram sendo implantadas – surgiram os fenômenos da urbanização e da industrialização. Novos modelos de família foram construídos para que pudessem dar conta de uma nova ordem e outros fatos portentosos surgiram, como a inserção da mulher no mercado do trabalho, o compartilhamento da educação e o cuidado dos filhos em instituições de educação, todos esses fatores acabaram disseminando mudanças na estrutura familiar, de forma que a figura paterna foi enfraquecida. (CARVALHO; MOREIRA, 2016).

Para Raeburn (2014, p. 16) “em 2005, Vicky Phares, uma psicóloga do Sul da Flórida, analisou 514 estudos de psicologia clínica de crianças e adolescentes nas principais revistas de Psicologia. Quase metade deles excluía os pais, apenas 11 por cento focavam exclusivamente nos pais.” Segundo o autor, o seu estudo identificou que, geralmente, são poucas as pesquisas que levam em conta os pais.

Para a mesma autora, os Akas revelam como é a relação entre pais e filhos em povos pré-históricos. Essa sociedade é composta de pigmeus que vivem próximo à bacia do Rio Congo, no Continente Africano, os pais passam 47 por cento do tempo com seus filhos, mas, suas vidas não são centradas neles, mas nos adultos, pois, eles não permitem que os filhos interrompam suas conversas com outros adultos.

Por outro lado, segundo Raeburn (2014, p. 29), os “pais norte americanos permitem que seus filhos interrompam suas conversas com outros adultos, perguntam a seus filhos o que eles querem comer e tentam satisfazer os desejos de seus filhos.” O autor persiste em afirmar que mais estudos necessitam ser feitos envolvendo os pais, pois, atualmente, esses estudos são reduzidíssimos e é necessário identificar, de forma clara, a dinâmica do desenvolvimento do filho na relação pai e filho.

Nessa perspectiva, precisa-se compreender qual é o papel do pai na relação com o filho. Acredita-se que além de provedor, deva envolver-se nos cuidados, que é um subproduto do envolvimento. O “envolvimento paterno é classificado em três dimensões, quais sejam: (a) engajamento, (b) acessibilidade/disponibilidade e (c) responsabilidade.” Nessa relação, vínculos de afeto são edificados e servem como

cola para fortalecer a relação do pai com o filho, nisso fica implícito o cuidar, o acolher, o respeitar. (LAMB, 2004 *apud* CARVALHO; MOREIRA, 2016, p. 21).

Muitos cientistas acreditam que o aumento da testosterona está associado ao comportamento competitivo em animais e homens. A queda que ocorre com o nascimento de um bebê pode ser a maneira da natureza encorajar os homens a baixarem os punhos, pelo menos temporariamente, e acariciarem seus bebês. Do ponto de vista evolutivo, isso é algo inteligente. A competitividade é incompatível com carinho. E os homens que são mais ligados aos seus bebês são mais propensos a ficarem por perto e cuidar deles. De fato, em setembro de 2013, James K. Rilling e seus colaboradores, da Universidade de Emory, publicaram no *Proceedings of the National Academy of Sciences* que os níveis de testosterona no sangue eram inversamente correlacionados com o cuidado parental – ou seja, o nível de testosterona era mais elevado nos pais que davam menos ao cuidado do bebê, e mais baixos nos que se dedicavam mais a esses cuidados. Também descobriram que os pais que dedicavam mais recursos aos seus filhos tinham testículos menores. Os resultados forneceram evidência para a suposição de que existe uma substituição entre o esforço dedicado ao acasalamento e a paternidade. (RAEBURN, 2014, p. 67).

Nota-se, conforme citação acima, que existe enlaçamento entre pai e filho dentro do contexto da paternidade que afeta, substancialmente, a condição hormonal do homem e essas mudanças hormonais são importantes para o desenvolvimento de um pai cuidadoso na relação pai e filho. (RAEBURN, 2014). Portanto,

O envolvimento se manifesta de diferentes formas e se desenvolve considerando as seguintes características:

- Pai em interação: presença direta ou indireta do pai para com a criança.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetivo: expressa gestos e palavras que tranquilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo: pensa na criança. (DUBEAU, 200 et al. *apud* BACKES, 2015, p. 40).

Não obstante, impende ressaltar, a ausência paterna pode gerar efeitos significativos no desenvolvimento da criança, cuja repercussão geralmente não acarreta aspectos positivos, pois, conforme indica Peroni Benczik (2011, p. 60):

A partir de um estudo de caso clínico e de uma rigorosa revisão da literatura, relacionada à importância da figura paterna na vida dos filhos, Eizirik e Bergamann afirmam que a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o desenvolvimento de distúrbios de comportamento.

Benczik (2011) vai além e afirma que o vazio deixado pela ausência do pai acaba sendo ocupado por outro elemento qualquer, senão notem-se: “Pode-se

observar que os filhos necessitam de apoio e segurança e de valores que naturalmente cabe ao pai transmitir. Os jovens procuram no seu pai um modelo com o qual possam se identificar. Se o pai está ausente, outros modelos virão ocupar esse vazio, com grande probabilidade de não serem modelos propriamente exemplares.”

(BENCZIK, 2011, p. 73).

Conforme observado anteriormente, a função paterna vem se alterando na linha do tempo e na medida em que descobertas científicas e mais pesquisas são realizadas auxiliam na compreensão da importante função que o pai possui para que o filho possa se desenvolver plenamente. No entanto, é preciso reconhecer que a ciência necessita dar mais valia à importância do homem no arranjo familiar e também no que se refere ao desenvolvimento do filho ao invés de deixá-lo como mero ator coadjuvante – é o que os estudos têm revelado.

O luto

A respeito do atual momento vivenciado pela sociedade universal do gênero humano, Leite (2016) faz importante observação que merece ser replicada. Senão, notem-se:

A atual sociedade corre sérios riscos devido às mentalidades materialistas, imediatistas, ativistas, hedonistas e individualistas de um mundo pós-moderno que, se por um lado é favorecido de um altíssimo avanço tecnológico, por outro carece imensamente de reflexão quanto aos valores humanos, antropológicos, históricos e morais. Nesse contexto é observado que emerge a necessidade de uma revisão de conceitos e práticas no que diz respeito ao morrer no processo vital, situações-limite como doença, o confronto com a morte concreta e o processo de luto. (LEITE, 2016, p. 12).

Todos, sem exceção, em determinado momento da vida terão que lidar com o dilema da morte. Segundo Silva (2015), a morte, embora corriqueira, ainda é abraçada por um tabu exacerbado, é negada, afastada dos procedimentos sociais e acaba sendo institucionalizada. As crianças, hoje em dia, logo cedo são inseridas na fisiologia da reprodução, no entanto, nada lhes é esclarecido sobre o processo da morte. Buscar compreender como a morte é processada facilitará a passagem pelo processo do luto, que poderá ser conduzido de forma saudável. Compreender

assuntos relacionados à morte proporciona trazer essa temática à luz da consciência.

Visto globalmente, o luto assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como “um choque”. Assim como no caso do machucado físico, o “ferimento” aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura é mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. Nesses casos surgem as condições anormais, que podem ser ainda mais complicadas com o aparecimento de outros tipos de doenças. Muitas vezes parece que o resultado será fatal. (PARKES, 1998, p. 22).

Prigerson, Vanderweker e Maciejewski (2001 *apud* Santos, 2009, p. 247) “afirmaram que a maioria (aproximadamente 80%) das pessoas chega a aceitar a perda ao longo do tempo e que somente 20% não o fazem.” Esses dados indicam que o luto em si merece atenção especial porque, para um quinto dos enlutados, o luto se desdobra em algum tipo de transtorno mental.

Segundo Santos (2009, p. 246) “o modelo do processo dual propõe uma revisão nas concepções teóricas sobre o processo do luto, ao identificar dois tipos de fatores estressores – orientados para a perda e para a restauração – e considerar a existência de um processo dinâmico e regulador do enfrentamento.” O processo do luto está em permanente mudança, portanto, não é estático. Prigerson (*apud* SANTOS, 2009) identifica dois momentos possíveis, o luto primeiramente se desdobra em um padrão de aceitação e, posteriormente, pode levar à instalação do “transtorno do luto prolongado” (TGP). Os critérios para diagnóstico do TGP são:

A pessoa ter vivido a perda por morte de alguém que lhe era significativo e reagido com preocupação intrusiva com o morto (buscar, procurar, sentir saudades doloridas) e, os seguintes sintomas são marcantes e persistentes: evitação, falta de sentido no futuro, entorpecimento, choque, dificuldade em acreditar na morte, sensação de vazio, sem realização na ausência da pessoa, sente como parte de si tivesse morrido, sua visão de mundo perde confiança, segurança, senso de controle, apresenta sintomas e comportamento de risco semelhante aos do falecido e amargura. (PRIGERSON; VANDERWEKER; MACIEJEWSKI, 2001, *apud* SILVA, 2015, p. 247).

Em estudos utilizando ressonância magnética em pessoas enlutadas, que passaram por lutos complicados, foi demonstrado que regiões do cérebro que implicam a busca de recompensa foram ativadas, o que contribui e interfere na adaptação desse sujeito no que corresponde a sua perda e evidencia que enlutados

merecem atenção especial da Psicologia. (GÜNDEL, 1990, et al. *apud* SANTOS, 2009).

A aceitação ou não da morte está significativamente atrelada à cultura e à forma de como se constitui a esfera de sentidos em cada indivíduo. Como exemplo, pode-se citar a “Parábola do Grão de Mostarda”, da doutrina budista, que narra a seguinte história: uma mulher, com seu filho nos braços, morto, solicita auxílio a Buda e suplica que esse o faça viver. Buda pede a ela que se encaminhe até a vizinhança, vá de casa em casa e peça uns grãos de mostarda, pois, esses grãos poderão restabelecer a vida de seu filho. No entanto, tais grãos somente poderão ser obtidos em uma casa onde nunca morreu alguém. Nisso, ela se dá conta que não há casa em que não tenha morrido alguém e percebe a lição fundamental do budismo, de que terá de contar sempre com a morte, que é inerente aos seres vivos. (PERAZZO, 2019).

A morte é uma das etapas da vida, evento pelo qual todos, inevitavelmente, de alguma forma terão que lidar. Para Klübler-Ross (2019), seus estágios se processam, inicialmente, pela negação e isolamento, segundo entrevistados por essa autora, os quais estavam em estágio terminal, era corriqueiro negar que o processo de morte havia se instalado. O segundo estágio é caracterizado pela raiva e revolta. Nesse estágio, os entrevistados alegaram: não, isso não é verdade, não pode estar acontecendo comigo. Por que eu? Já no terceiro estágio, vem a barganha, se Deus não atendeu aos meus apelos de negação, de raiva e revolta, talvez ele se mostre mais condescendente se eu apelar com calma. No quarto estágio, o indivíduo já não pode mais negar a doença e novos sintomas surgem debilitando-o ainda mais, sua negação cede lugar a um sentimento intenso de perda seguido por um processo depressivo. No quinto estágio, sobrevém a aceitação, nele as fases anteriores desaparecem, o indivíduo percebe que o seu fim está próximo e passa a ter certo grau de tranquila expectativa, finalmente, o que resta é a esperança.

Até aqui, discutimos os diferentes estágios porque as pessoas passam ao se defrontarem com notícias trágicas: mecanismos de defesa, em termos psiquiátricos, mecanismos de luta para enfrentar situações extremamente difíceis. Tais estágios terão duração variável, um substituirá o outro ou se encontrarão, às vezes, lado a lado. A única coisa que geralmente persiste, em todos estes estágios, é a esperança. Assim foi com as crianças dos Acampamentos L 318 e L 417 no campo de concentração de Terezin, que mantiveram acesa a chama da esperança, embora somente cem das quinze

mil crianças com menos de quinze anos tenham saído de lá com vida. (KLÜBLER-ROSS, 2019, p. 143).

Atualmente, a morte é negada, afastada, dos procedimentos sociais e tida por tabu, uma vez que é remetida para o fim da vida – a velhice, subentendendo-se que antes disso não há a necessidade de se falar absolutamente algo sobre o assunto.

Em contrapartida, sabe-se que mesmo sendo negada, a morte faz parte do processo vital e o processo do luto há de ser enfrentado sob pena de se tornar patológico que, em casos tais, segundo Ramos (2016, p. 7) “está relacionado com a intensidade e duração das reações.”

Nesse sentido, Ramos (2016, p. 7) afirma que a “intensificação do luto a um nível em que a pessoa se encontra destroçada, originando um comportamento não adaptativo face à perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, impedindo a sua progressão com vista à finalização do processo de luto.” No tocante à duração do luto, Ramos (2016, p. 14) considera que essa “[...] tanto pode ser prolongada como breve, tanto pode ocorrer num período de tempo definido ou indefinido e a sua intensidade varia ao longo do tempo, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. A reação à perda depende muito dos limites impostos pela cultura e sociedade em que o sujeito se insere.”

Por outro lado, se a morte ocorrer em ambiente que se mostre favorável, receptível ou “[num] funcionamento familiar saudável, onde a comunicação e a expressão de sentimentos prevalecem, bem como a coesão entre os membros familiares, pode contribuir para um processo de ajustamento adaptativo à situação de perda.” (RAMOS, 2016, p. 1). Sem olvidar que cada indivíduo, obviamente, necessita de tempo para ultrapassar esta fase. (RAMOS, 2016).

Ramos (2016, p. 5) argui que “Worden (1983) apresenta algumas tarefas que não precisam de ser realizadas numa ordem particular e podem ser revisitadas e retrabalhadas diversas vezes: aceitar a realidade da perda, experienciar e processar a dor, a adaptação ao ambiente, no qual a pessoa perdida já não está presente e o reinvestir noutras relações.”

As tarefas elencadas por Worden auxiliam na retomada à normalidade, que é definida por Ramos (2016, p. 7) “[...] pela duração do trabalho de luto. Esta depende do trabalho de luto do enlutado, definido como a emancipação dos laços

estabelecidos com o morto, o reajustamento com o meio envolvente e a formação de novas relações.”

Foi verificado que o luto possui uma multiplicidade de formas pelas quais pode manifestar-se ou deixar de fazê-lo, é o caso de não se manifestar e mostrar-se contido. No entanto, certo é que de uma forma ou de outra, além de inevitável, o luto faz cessar todas as expectativas que se mantinha em relação ao falecido.

Pais enlutados

Tem-se verificado que a perda de um filho é, talvez, uma das dores cruciantes que um pai possa sentir. É fato que, a morte na juventude parece ser um paradoxo, uma vez que a sociedade a percebe restrita à velhice. No entanto, a morte de um filho envolve a conjugação de vários elementos de ordem psicológica, social, biológica e espiritual que se interpolam. Um filho perder o pai é algo aparentemente normal.

No entanto, o pai perder seu filho para a morte foge do contexto esperado pela sociedade atual. Quando se perde um filho, perde-se a oportunidade de compartilhar da sua vida, do seu futuro, de suas alegrias, de seus sucessos e frustrações. Os filhos representam os pais, tanto genética quanto simbolicamente, pois, são seus mensageiros do material genético para o futuro. (ARCHER, 1999 *apud* PARKES, 2009).

Considerando somente as questões práticas e instrumentais, podemos pensar que a morte de um filho, particularmente aquele que não é mais dependente dos pais, seria menos estressante do que a morte do cônjuge. Afinal, essa morte não desestrutura tanto a vida dos pais quanto o faz a de um cônjuge. Pais em geral se separam dos filhos na adolescência, e os pais de crianças menores costumam ser suficientemente novos para substituir algum filho que morre. Ainda assim, tanto a intuição como as evidências clínicas e as pesquisas comparativas contam uma história diferente. Para a maioria das pessoas do mundo ocidental, a morte de um filho é a fonte de pesar mais atormentadora e dolorosa. (PARKES, 2009, p. 191).

Dentre os estudos sobre como as pessoas se comportam diante do luto, objetivando detectar as reações concernentes às perdas, um deles apontou que o luto se constituiu num modelo de cinco fases, conforme segue:

A primeira dessas fases seria caracterizada por torpor, que serviria como proteção e protesto, com emoções extremas e fisicamente exaustivas. [...].

A segunda fase apresenta como principal característica o Desejo Interno pela Presença da Pessoa Perdida e, considerando que o mundo parece não ter sentido para o enlutado diante dessa ausência, nessa fase encontramos também a busca pela pessoa perdida. [...]. A terceira fase é Desorganização e Desespero, quando a realidade da perda começa a ser assimilada e memórias revividas. O sujeito observa que suas tentativas de “busca” anteriormente realizadas não foram bem-sucedidas e pode parecer retraído, apático e inquieto, apresentando insônia e perda de peso em alguns casos. [...] diante da constatação de que o que lhe resta são apenas recordações, o sujeito pode se desapontar. Nessa fase, sujeitos em luto relataram perceberem-se sobrecarregados e com pouca energia. Finalmente, no que é considerado o último estágio, ocorre a reorganização, fase em que a pessoa começa a definir objetivos para a sua vida. (BOWLBY, 2015, p. 115).

Não obstante, sabe-se que cada pessoa possui suas idiosincrasias, jeito de processar e vivenciar o luto e essas características precisam ser levadas em conta, pois, permitem compreender sobre como o luto afeta cada sujeito em particular. O luto se apresenta como um fenômeno que possui contornos múltiplos e também faz parte do desenvolvimento humano, está presente no cotidiano. Da forma como as pessoas estão lidando e processando a morte, o luto passa pelos seguintes aspectos:

No caso da morte, em cada tempo e cultura existe um significado atribuído a ela. Inicialmente, esse significado é externo ao indivíduo, pertencendo a cultura. À medida que esse significado é internalizado, transforma-se num instrumento subjetivo da relação do indivíduo consigo mesmo. E assim, o significado externo adquire um sentido pessoal para o indivíduo. Em outras palavras: os conteúdos externos presentes na realidade objetiva têm significados construídos socialmente por outras gerações, outros homens. Através das atividades e das relações sociais que se estabelece com o meio, o indivíduo internaliza esses conteúdos e significados a partir de sua própria experiência e história de apropriações (ou seja, sua subjetividade). Dessa maneira o conteúdo que tinha um significado externo passa por uma, mediação psíquica e adquire um sentido pessoal, singular, único para cada pessoa. (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 7).

Dessa maneira, observa-se que a cultura exerce função fundamental na constituição humana, influencia na forma como as emoções são expressas, interpretadas e compreendidas. Sendo assim, o jeito que o homem lida e processa o luto está implicitamente imbricado com o processo cultural vigente em cada época.

Estudos demonstram que quando o pai participa da gestação e criação do seu filho forma fortes vínculos de afeto que auxiliam no desenvolvimento do filho e isso também lhe afeta profundamente em alguns sentidos de natureza biológica e psicológica. O filho é a extensão dos pais em outro ser, pelo qual se experimenta

modos de demonstrar amor. Em alguns casos, demonstra-se amor ao filho pela forma como é protegido, segurando-lhe as mãos ao atravessar a rua ou alertando-o contra possíveis perigos difusos que existem no tecido social, sempre se está buscando formas de fazê-lo experimentar aquilo que há de melhor na vida. (RAEBURN, 2014).

A relação entre pai e filho, por vezes, transcende a compreensão. Nessa esteira, pode-se dizer que a lógica aparenta perder o sentido e o irreal fugidamente se apresenta como realidade vívida. É o que se constata no seguinte relato:

Sonhei uma noite que o querido More estava vivo novamente e que, depois de enlaçar-lhe o pescoço com meus braços e comprovar, acima de qualquer dúvida, que abraçava meu filho vivo, discutimos detalhadamente o assunto e constatamos que a morte e o enterro em Abinger haviam sido fictícios. A alegria perdurou por um segundo depois que despertei – e veio então o dobre que me desperta a cada manhã: More está morto! More está morto! (PALMER apud BOWLBY, 2004, p. 123).

Quando esses laços se rompem com a morte, isso faz com que os pais sejam atingidos frontalmente e lhes sobrevenham consequências várias, como o sofrimento e a vulnerabilidade extrema.

Contudo, em que pesem as nuances do luto paterno retro apresentadas, não se pode olvidar, desde a tenra idade o homem é educado de forma a demonstrar apenas e tão-somente a fração forte de sua personalidade. E, assim sendo, não causa particular que ao mesmo tempo em que o homem seja impelido a demonstrar tal fração, ele também seja educado para não deixar transparecer suas emoções. Talvez isso ocorra por conta dos ideais sociais e culturais que foram construídos ao longo do tempo e que, ainda hoje, permanecem encrustados no imaginário popular.

Quintans (2018) refere que Wang, Jablonski e Magalhães analisaram a influência inferida no homem pelo contexto social e seus respectivos ideais culturais, ao final concluíram que:

[...] o contexto social influencia na construção psíquica da masculinidade, ampliando a importância de se avaliar o processo de socialização no desenvolvimento do menino para homem. Os ideais culturais e sociais a que pertence serão fundamentais nessa construção, assim como a participação ativa de todos que lidam direta ou indiretamente com esse sujeito. Os padrões e normas de comportamento são ditados por esses ideais, que fazem parte do sistema de crenças que é lenta e continuamente apresentado ao menino.

Ainda segundo os autores, existem algumas descrições do modelo ideal de masculinidade [...] é possível ainda acrescentar adjetivos de conotação

negativa como: frio, insensível, agressivo, arrogante, dominador, autoritário, violento e opressor.

Não apenas a cultura e sociedade, mas também as relações familiares trarão importantes contribuições nessa construção de gênero, “uma vez que o 'tipo de homem' que é o pai e o 'tipo de mulher' que é a mãe revelam, de forma mais silenciosa e menos óbvia, modelos de masculinidade e feminilidade que terão papel fundamental no seu desenvolvimento. [...]”. (WANG, JABLONSKI, MAGALHÃES *apud* QUINTANS, 2018, p. 41).

Nesse sentido, Quintans (2018, p. 41) cita que “Os homens são socialmente incitados a evitar suas emoções e a não entrar em contato com seus sentimentos, existindo a ideia de que eles não se enlutem pela perda de um(a) filho (a) [...]”.

Parkes, 2009 (*apud* QUINTANS, 2018) afirma que a tendência de os homens conterem suas emoções pode obstaculizar o processo de luto. Pesquisa feita por esse autor mostrou que os homens apresentam escores significativamente mais altos em inibição emocional/desconfiança em relação às mulheres, dois terços deles respondeu considerar difícil demonstrar afeição por pessoas próximas, sendo que a mesma dificuldade se apresentou para o sentimento de tristeza ou pesar.

Tendo em conta que as normas culturais modelam os comportamentos, não é de se estranhar que a expressão do luto seja um reflexo dessa modelagem, pois, segundo Averill (1993*apud* QUINTANS, 2018, p. 44): “As normas culturais não apenas influenciam a experiência do luto, mas também a expressão do luto, então, o luto é uma construção social.” Tanto é assim que, geralmente, as atividades práticas decorrentes de um óbito são de incumbência do homem, visto que “[...] os homens são socialmente incentivados a gerenciar estratégias instrumentais diante da perda, como tomar a frente do funeral, das finanças e propriedades, ficando mais periféricos nas questões emocionais.” (WALSH, MCGOLDRICK *apud* QUINTANS, 2018, p. 49).

Contudo, por mais que o indivíduo contenha suas emoções, de alguma forma, de algum modo essa contensão irá repercutir em determinado aspecto de sua vida. Bom exemplo disso é citado por Walsh e McGoldrick (1999 *apud* QUINTANS, 2018, p. 49), de acordo com os quais “os homens se refugiam no trabalho e se sentem desconfortáveis com as expressões emocionais das esposas, sem saber como responder e temerosos de perder o controle de seus próprios sentimentos.”

Para reforçar o entendimento que vem se afirmando, traz-se à colação assertiva de Quintans (2018, p. 42), de acordo com a qual:

A perspectiva de que meninos desde muito pequenos devem corresponder a um código de masculinidade perante a sociedade fortalece comportamentos como buscar aventura e status, dominação interpessoal, restrição às emoções, coragem, a defesa dos ideais e o dever de proteção dos mais vulneráveis. [...].

Pelo exposto, pode-se afirmar, desde criança o homem é educado para não deixar transparecer suas emoções e sentimentos. Mesmo diante dessa realidade, pode-se assegurar também que para um pai perder um filho à morte é, possivelmente, uma das dores cruciantes que o ser humano pode experimentar.

MÉTODO

Buscou-se com o estudo obter respostas para qualificar como os homens – pais – elaboram o processo de luto de seu filho. O método se destaca como fundamento às pesquisas, uma vez que aponta o norte para o pesquisador e diz os caminhos que devem ser seguidos. No que se refere ao modelo de levantamento de campo, etapa posterior ao projeto de pesquisa, o investigador interage com o objeto de estudo. Para o caso em exame, esse contato deu-se por meio telefônico com os sujeitos da pesquisa visando construir conhecimentos. (BARROS; LEHFELD, 1986).

Por intermédio de buscas realizadas em bases de dados e na literatura impressa, pode-se dizer que o estudo se caracteriza como sendo de natureza descritiva. Notadamente, porque busca proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 1999, p. 43).

O estudo também segue a linha de pesquisa qualitativa, assim, acrescenta-se as palavras de Gonzáles Rey (1989, *apud* SILVA, 2015, p. 93): “a arte da pesquisa consiste muito em relacionar, em permitir o crescimento de um modelo teórico a partir dos múltiplos caminhos que em seu confronto com o empírico abre ao pesquisador.”

A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista que, segundo Gil (1999, p. 117), “muitos autores consideram ela como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na microbiologia.”

Quanto à análise dos resultados obtidos a partir dos dados coletados em campo, utilizou-se o método de análise do conteúdo para categorização dos dados, que se desdobrou da seguinte forma:

Apanhar uma parte da significação de um conteúdo através das frequências e outros índices da importância relativa de seus elementos, uma outra parte corre o risco de desaparecer no processo, porque refratários a tais medidas. Daí o interesse de abordagens mais qualitativas que conservam a forma literal dos dados. O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e das relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável. (LAVILLE; DIONNE, 1997, p. 226-227).

Quanto à escolha dos participantes da entrevista, vale dizer, foi fundada no processo de acessibilidade, a partir de contato telefônico do pesquisador e no perfil de pais, que perderam seu filho à morte nos últimos três anos, período equivalente a julho de 2017 a julho de 2020. Não foram entrevistados pais que perderam seus filhos ao nascer (neonatal). Por conseguinte, a quantidade de pais entrevistados foi da ordem de 05 (cinco) indivíduos.

Quanto aos procedimentos éticos a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNISUL e aprovada pelo mesmo órgão, com o parecer número: 4.035.114.

Participaram da entrevista 05 (cinco) pais situados na faixa etária dos 38 (trinta e oito anos) aos 70 (setenta anos) de idade, possuem o ensino fundamental, e perderam seus filhos de formas diversas. Seus filhos se situavam na faixa etária dos 21 (vinte e um anos) aos 34 (trinta e quatro anos) sendo 02 (dois) com câncer, 01 (um) com infarto, 01 (um) com embolia pulmonar e 01 (um) homicídio com arma de fogo, desses 03 (três) são aposentados, 01 (um) é carpinteiro autônomo e outro é agricultor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Preliminarmente, cabe esclarecer, o recorte dos conteúdos seguem o caminho da análise de conteúdo de Bardin (1979), acomodando-se dentro do processo de categorização, passou por interpretação concernente a orientação semântica de escolha de palavras, expressões e frases-chave, que se referem ao

conjunto de elementos que se ligam e possuem valor e sentido. Posteriormente, com as respostas obtidas durante as entrevistas, compararam-se os recortes de significação, reunindo-se o que estava muito próximo do seu significado, que se denomina categoria. Para atender aos objetivos do estudo buscou-se amparo em fundamentação teórica publicado em veículos especializados sobre a temática investigada para que se estabelecesse a análise do que foi expresso na fala dos participantes da pesquisa.

Estabeleceu-se na sociedade, de forma artificial e simbólica, que o homem para ser másculo, não deve chorar ou externar seus sentimentos e emoções, mesmo diante da morte, notadamente, porque a cultura molda a forma como os homens devem se comportar. Na corrente do tempo, o homem foi ensinado a ser forte. Com relação a isso, tem-se que:

Toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural. [...] A AP é objetivamente uma violência simbólica num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição de instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e inculcação (educação). (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 26-27).

Sendo assim, o jeito de andar, falar, sentar, expressar sentimentos, emoções e o papel ocupado pelo homem dentro do contexto social são moldados e edificados pelos outros.

Porém, nas entrevistas feitas com os pais, pode-se constatar o contrário, pois, eles revelaram que, apesar de tudo o que lhes foi ensinado de forma arbitrária, eles são humanos e também necessitam falar de seus sentimentos e emoções.

A constatação acima ficou demonstrada, em primeiro plano, com a aceitação dos entrevistados em participar do estudo e, em segundo plano, pelo conteúdo das respostas que emitiram durante a entrevista.

Nesse sentido, obteve-se como respostas ao primeiro questionamento um conteúdo diversificado, uma vez que o propósito da primeira questão era obter informações sobre quando e como ocorreu a morte dos filhos dos entrevistados:

E1 - A morte de meu filho ocorreu na madrugada do dia de 25 de maio de 2017, de infarto.

E2 – Ficou internado durante vinte dias no hospital e veio a falecer, em 08 de abril de 2020 de câncer.

E3 – Meu filho veio a falecer em 19 de setembro de 2018. O médico me informou que ele havia falecido de embolia pulmonar.

E4 – Sua morte ocorreu em 4 de outubro de 2018. Foi ocasionada por um câncer bastante agressivo.

E5 – A morte da minha filha ocorreu em 31 de outubro de 2019. Informaram-me que minha filha havia levado um tiro na casa de uma amiga dela.

Diante o que foi reportado pelos entrevistados, não é demasiado acrescentar, a morte possui mais de cem mil portas para os homens entrarem. (NULAND, 1995).

Na segunda pergunta buscou-se saber qual foi a reação imediata relacionada à perda do filho. Nesse bloco de respostas, observou-se que a tristeza, o choque e o desespero foram emoções que se manifestam, de forma imperiosa, em toda a amostra da pesquisa. Notem-se:

E1 – A morte de meu filho foi muito sofrida, levei um choque com a notícia.

E2 – Minha reação foi de tristeza, o normal é o filho enterrar o pai e não o pai enterrar o filho.

E3 – Minha reação foi de desespero, perder um filho é uma grande dor, a gente se sente esmagado, destruído. Para mim a perda do meu filho foi a maior dor do mundo.

E4 – Sua morte me deixou em estado de choque. Perder um filho não é fácil, sinto dor até o dia de hoje.

E5 – Minha dor foi de desespero.

Sobre as emoções humanas, pode-se dizer que elas não se restringem a raiva e ao medo e se revelam geralmente aos pares: alegria e tristeza, amor e ódio, encantamento, agonia, desprezo, desespero, pânico, inveja e tantas outras. Essas categorias de emoções não existem de forma independente, elas frequentemente estão presentes na vivência emocional do sujeito e o responsável pelo controle das respostas fisiológicas é o sistema nervoso autônomo (SNA). (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2010).

No terceiro questionamento buscou-se identificar se os entrevistados sentiram dificuldade para expressar seus sentimentos. Diante das respostas obtidas ficou subentendido que a maioria dos entrevistados apresenta resistência, no sentido de opor-se a falar de sentimentos relacionados à dor. Um deles relatou que não gosta de falar sobre o assunto, porque é como mexer numa ferida, que machuca e traz dor, que mexe com sentimentos. Três deles responderam não gostar de tocar no assunto. Um afirmou que gosta de submeter o seu luto a pessoas conhecidas, mas está apto para falar a respeito com estranhos. Outro entrevistado afirmou que está

aberto para falar de seus sentimentos, mas também é ferido por muita dor emocional relacionada à morte de seu filho.

E1 – Sim não me sinto bem é como você mexer numa ferida, procuro esquecer, não mexer nisso. Não costumo procurar ninguém para falar a respeito.

E2 – Não, não, eu tenho dificuldades de falar com pessoas que a gente convivia, pessoas que o conheciam, mas com outros que não faziam parte da nossa relação, tudo bem, sem problema algum, não tenho dificuldades.

E3 – Eu não sinto dificuldades de expressar meus sentimentos com relação à morte de meu filho.

E4 – Sim, falar disso me causa muita dor.

E5 – Sinto muita dificuldade de expressar meus sentimentos, sim.

No caso em tela, foi empregado o termo resistência no sentido de opor-se a falar, de evitar tocar em sentimentos que possam machucar. Por excelência, o homem é um ser biopsicossocial e pode ter seus sentimentos tocados quando se fala sobre um tema determinado.

Frequentemente, os indivíduos estão cômnicos dos processos que integram o afeto, o sentimento e a emoção. Alguns dos sentimentos se manifestam a luz da consciência e outros se aninham nos porões da inconsciência. Particularmente, traduz-se o afeto como sendo aquilo pertencente ao universo do sensível, do subjetivo, como por exemplo, sentir-se alegre, angustiado, triste, afetuoso, medroso, raivoso. (BOWLBY, 1990).

No quarto questionamento verificaram-se como os entrevistados se sentem hoje em relação à perda do filho. Este bloco de respostas evidenciou que os pais expressam sentimentos de saudade e emoções que ainda lhes trazem e causam muita dor, tristeza e angústia. No entanto essas manifestações estão muito vinculadas às mudanças que houve na vida de cada qual, mas também estão relacionadas à perda e ao luto. A morte do ente querido resultou em mudanças que trazem no seu bojo muita dor e aborrecimentos.

E1 – Sinto muita tristeza com a morte dele, quando penso nos momentos em que vivemos juntos, isso tudo me deixa para baixo, fico mal.

E2 – Hoje o sentimento que tenho é o de perda, que nunca mais vou poder ver ele por aqui. Mesmo eu sabendo que ele está num bom lugar, porque a gente é evangélico, eu sinto muita saudade.

E3 – Sinto-me pior, porque à medida que o tempo vai passando, junto vai batendo a saudade, a saudade bate - a saudade a qual me refiro é a saudade independente da perda.

E4 – Perder um filho não é fácil, a dor, a tristeza, esses sentimentos me impedem de continuar caminhando.

E5 – Sinto tristeza, angústia.

Os sentimentos podem ser definidos como a experiência mental que se possui daquilo que ocorre no corpo e permite com que se tenha ciência das emoções. Eles revelam como cada indivíduo reage diante de uma perda significativa. Quando se revela em palavras aquilo que se está sentindo, na realidade está-se trazendo à tona os sentimentos. (WISCOTT, 1982).

No quinto questionamento buscou-se saber o que os entrevistados têm feito para superar o luto diante da perda do filho. Observou-se pelas respostas emitidas que a maioria dos entrevistados está buscando alternativas para desviar o foco do luto que vivencia, uma vez que o luto lhes causa muita dor. Conforme pode ser constatado, para superar a morte do filho, os entrevistados focam no trabalho ou em alguma outra distração. Nessa perspectiva, tem-se que um dos entrevistados afirmou que embora trabalhando ainda se sente muito deprimido.

E1 – Procuo ocupar meu tempo, embora aposentado, estou sempre trabalhando, cuidando da manutenção da casa, ajeitando uma coisa aqui, outra ali.

E2 – Quando penso na morte de meu filho procuro desviar o assunto da mente, desviar o foco. Procuo me distrair, ler a bíblia e me envolver com isso. Eu tenho plena consciência de que isso é uma coisa que não volta mais e também de que a morte sobrevém a todos.

E3 – Quando estou em casa e penso na sua morte, geralmente fico tenso, por conseguinte, procuro sair para ver se me distraio.

E4 – Não tenho feito nada, continuo vivendo por viver. Dedico-me ao trabalho, porque somos obrigados a trabalhar, mas me sinto sem ânimo. Perdi o meu filho me sinto deprimido.

E5 – Embora continue trabalhando e tocando a vida, ainda não consegui superar sua morte.

Os dados demonstram que não se pode ficar permanentemente visualizando e focando na morte. Talvez por isso, muitos dos entrevistados busquem de alguma forma, meios para apaziguar a dor que sentem. Afinal, “não é fácil viver o tempo todo inteiramente atento à morte. Seria como tentássemos olhar fixamente para o sol: existe um limite até o qual conseguiríamos suportar.” (YALOM, 2008, p. 16).

No sexto questionamento buscou-se saber quais tipos de ajuda os entrevistados procuraram para elaborar o luto. Dessa forma, conforme pode ser constatado abaixo, percebeu-se que três entrevistados afirmaram buscar auxílio na religiosidade, um deles informou que busca auxílio no bar, nos amigos e na música, e outro, ainda, notificou que não busca ajuda em lugar algum.

E1 – Não procurei, procurava esquecer, não tocava no assunto, falava do assunto somente quando os amigos me questionavam, não busquei ajuda em lugar nenhum.

E2 – Procuo ajuda espiritual, sou evangélico, busco me apoiar nisso, meu psicólogo é Deus.

E3 – Sou depressivo, faço uso da Sertralina, me apoio em amigos, familiares. Na questão espiritual busco ajuda no Espiritismo, ajuda mediúnica.

E4 – Procuo ajuda espiritual na igreja católica, de vez em quando solicito ao que padre reze uma missa por ele.

E5 – Ajuda que encontrei foi nos bares, nos botecos, aqui da redondeza, bebendo, jogando sinuca e conversando com os amigos. Também procuro me distrair ouvindo música, algumas tocam o coração da gente, me trazem recordações de minha filha.

Conforme pode ser observado, ficou evidente que, para sobreviver as suas perdas, a maior parte dos entrevistados tem buscado apoio na religião. No entanto, continuam afirmando que vivem em sofrimento. Com essa fala não se deseja tirar o mérito ou a importância que as mais variadas religiões têm para proporcionar esperanças para a humanidade. Deus, segundo a formulação de todas as culturas, não apenas suaviza a dor da mortalidade por meio de uma visão de vida eterna, mas, “a angústia da morte é a mãe de todas as religiões, as quais de algum modo, procuram mitigar a agonia de nossa finitude.” (YALOM, 2008, p. 16). Chama a atenção o fato de nenhum dos entrevistados buscar ajuda de profissionais da área da Psicologia.

No sétimo questionamento verificou-se o que as pessoas disseram ou dizem aos entrevistados que os auxilie ou prejudique durante a trajetória do luto. A partir do bloco de respostas emitidas, observou-se o quanto é significativo o sujeito experimentar a empatia.

E1 – Recordo-me, quando da morte de meu filho que, um empresário, que meu filho era cliente, comprava madeira tratada para beneficiar em esquadrias, me perguntou se a situação dele junto à previdência social estava regularizada e se a minha família precisava de ajuda. Isso me proporcionou bastante conforto. E outra situação da qual eu não gostei, foi quando uma vizinha me indagou, se meu filho tinha um bom relacionamento com sua esposa.

E2 – O que me acalentou foi um pai que perdeu o filho, que passou o que eu passei, me falou que tinha plena compreensão pelo que eu estava passando e compreendia a minha dor e me disse que meu filho era um bom menino. O que me acalentava também, muito, era quando as pessoas chegavam até mim e elogiavam o meu filho, isso me confortava e ainda me conforta.

E3 – Eu não gostava das pessoas que me diziam (procura uma igreja e te conforta). O que mais me consolava com relação à morte de meu filho é

quando as pessoas entendiam a minha dor e choravam comigo. A minha irmã no dia, da morte de meu filho fez um discurso na frente de todos e teceu muitos elogios ao meu filho e isso me trouxe muito conforto.

E4 – As pessoas disseram a mim que meu filho descansou, uma vez que ele estava em sofrimento, isso até que me trouxe algum conforto, porque o câncer é algo que faz as pessoas sofrerem muito.

E5 – O que me disseram que não gostei foi que minha filha procurou tanto que acabou achando. O que me falaram que me confortou foi que Deus sabe o que faz.

É importante que se desenvolva habilidades que proporcionem a empatia na hora do luto, visto que, palavras quando mal colocadas podem causar muito sofrimento.

Neurocientistas identificaram em nosso cérebro um “conjunto de circuitos da empatia” com dez sessões que, se danificado, pode restringir nossa capacidade de compreender o que outras pessoas estão sentindo. Biólogos evolucionistas mostraram que somos animais sociais que evoluímos naturalmente para ser empáticos e cooperativos, como nossos primatas. E psicólogos revelaram que até mesmo crianças de três anos são capazes de sair de si mesmas e ver a partir das perspectivas de outras pessoas é evidente então que temos em nossa natureza um lado empático, tão forte quanto nossos impulsos internos egoístas. (KRZYNARIC, 2014, p. 13-14).

Diante do conteúdo retro, pode-se definir que existem ferramentas que podem ser acessadas para que se possa tornar a carga do outro mais leve, especialmente, quando o outro está em situação de sofrimento.

No oitavo questionamento a intenção foi identificar as mudanças que ocorreram na vida dos entrevistados relacionadas à perda de seus filhos. No bloco de respostas emitidas ficou evidente que a falta do filho, a ausência que havia sido estabelecida no apego e o distanciamento se mostram relevantes e machucam.

E1 – O que me marcou muito, foi que meu filho faleceu no meu aniversário de casamento.

E2 – Sim, morei muitos anos sozinho com esse meu filho, durante uns dez anos, convivemos juntos, lado-a-lado. Quando doente ele me falou que tinha medo de morrer e deixar o seu melhor amigo, que era eu.

E3 – Ausência, saudade, momentos que a gente vivia bem junto, tudo acabou. Quando tu perdes um filho é como se tu tivesse perdido a tua base, para qualquer problema pode-se buscar solução, mas quanto à morte, ela é algo que te deixa sem chão. Eu durmo e acordo pensando nele, no meu filho, ele está ali sempre no meu pensamento.

E4 – A ausência de meu filho me incomoda muito, a falta que ele faz é muito doída.

E5 – Sinto muita falta de nossa convivência. Isso nunca me sai da cabeça.

Analogamente, pode-se dizer que a premissa da citação abaixo aplica-se aos vínculos que existem entre pai e filho, uma vez que o filho, desde o seu nascimento, está numa relação simbiótica, biopsicológica com o pai e, conseqüentemente, o rompimento e a ausência sentida pela morte do filho são a mola propulsora dos sofrimentos do pai causados pela separação e dor do luto.

Os vínculos afetivos e os estados subjetivos de forte emoção tendem a ocorrer juntos, como sabem todos os romancistas e autores teatrais. Assim, muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de vínculos emocionais. Em termos de experiência subjetiva, a formação de um vínculo é descrita como “apaixonar-se” a manutenção de um vínculo como “amar alguém”, e a perda de um parceiro como “sofrer por alguém”. Analogamente, a ameaça de perda gera ansiedade e a perda real causa tristeza; ao passo que ambas as situações podem gerar raiva. (BOWLBY, 2015, p. 167).

No nono questionamento buscou saber se havia mais alguma situação pelo qual os entrevistados passaram que gostariam de comentar a respeito do luto. Pelas respostas emitidas ficou evidente que o rompimento dos vínculos afetivos afetou a vida dos entrevistados, contribuindo para que se manifestassem mudanças na rotina de suas vidas.

E1 – O que mudou na minha vida é que anteriormente eu tinha a companhia de meu filho. Foram muitos anos juntos convivendo lado a lado, a ausência dele me deixou um enorme vazio. Ele era um grande parceiro, estávamos sempre juntos, fazíamos negócios juntos, eu sinto muitas saudades. Perdi não só um filho, mais um parceiro, um amigo.

E2 – As mudanças é que hoje convivo, com a ausência do meu filho e isso é muito doído, minha mulher fez um café e tinha coisas que ele gostava ali, daí fiquei triste porque ele não estava ali, tinha morrido, fiquei pensando naquilo até a noite e depois quando no quarto comecei a chorar.

E3 – O que me marca muito é pensar que convivi com ele desde o seu nascimento até o dia de sua morte, nós vivemos muitos momentos de alegria e felicidade. No dia-a-dia durante esses vinte e oito anos, meu filho só me trouxe alegrias. Infelizmente ele morreu e agora não tem mais jeito. O que me resta agora é a saudade. Após a morte de meu filho passei a ter mais amor pelas pessoas, procuro me dedicar mais a elas, valorizando-as.

E4 – Anteriormente tínhamos a presença dele, agora depois que ele partiu a vida perdeu o sentido.

E5 – Vivo pensando nela, muitas vezes fico jururu no meu canto. Perdi todo ânimo de viver. Sepultar um filho é uma dor insuportável. Perde-se o gosto pela vida, a vida não é mais a mesma.

Existe um consenso, por exemplo, entre profissionais da área médica, como também, entre sacerdotes e pastores do quanto é doloroso perder um ente querido à morte, principalmente quando o vínculo de afeto se estabelece na métrica da relação de pai para filho. O senso comum entende magistralmente que se pode ser

esmagado pelo pesar e que o rompimento desse vínculo afetivo é causado pela morte de um filho, o qual se estabelece na atração, na relação e na vivência que envolve questões biopsicossociais. Sendo assim, algumas das mais intensas emoções humanas se manifestam durante a formação, preservação e rompimento de vínculos emocionais. (BOWLBY, 2015).

4 CONCLUSÃO

Sabe-se que a cultura exerce função fundamental na constituição humana, influencia na forma como as emoções são expressas, interpretadas e compreendidas. Sendo assim, o jeito que o homem lida e processa o luto está implicitamente imbricado com o processo cultural vigente em cada época. Tendo em conta que as normas culturais modelam os comportamentos, não é de se estranhar que a expressão do luto seja um reflexo dessa modelagem.

Nas entrevistas feitas com os pais constatou-se que apesar de tudo o que lhes foi ensinado de forma arbitrária, os dados demonstraram que os pais necessitam exprimir seus sentimentos e emoções, com relação a perda que tiveram. A maioria afirma que resiste em falar de sentimentos relacionados à dor, porém eles expressaram sentimentos de saudade e emoções que ainda lhes trazem e causam muita dor, tristeza e angústia, sendo que a maioria deles está buscando alternativas para desviar o foco do luto e, para superar a morte do filho, focam no trabalho ou em alguma outra distração.

Para sobreviver a sua perda, a maior parte dos entrevistados tem buscado apoio na religião. No entanto, continuam afirmando que vivem em sofrimento. Também houve referência de que “o bar” tem servido de auxílio. Em ambos os casos, percebe-se que a falta do filho, a ausência e o distanciamento se mostram relevantes e machucam.

Ficou evidente que o rompimento dos vínculos afetivos afetou a vida dos entrevistados, contribuindo para que se manifestassem mudanças na rotina de suas vidas. Sendo assim, algumas das mais intensas emoções humanas se manifestam durante a formação, preservação e rompimento de vínculos emocionais.

Por fim, é interessante notificar que em algum momento foram citados os profissionais da área da Psicologia como fonte de ajuda para elaborar o luto. Mas, notabilizou-se que foram buscar auxílio em outras fontes. Talvez, isso se deva as

representações sociais, constituída pelos entrevistados. Não levando em consideração a importância da Psicologia. Mas nas entrevistas ficou bastante patente que esses pais ainda permanecem em sofrimento, por conseguinte fica evidenciado que eles necessitam talvez, de ajuda profissional e a Psicologia possui instrumentos que podem auxiliá-los a enfrentar a sua perda.

Um dos ganhos desta pesquisa foi perceber que a morte é algo que precisa fazer parte de nosso cotidiano, uma vez, que ela não é restrita somente a velhice – em qualquer tempo pode-se morrer. Nas falas dos autores pesquisados notabilizou-se que a morte é inerente a todos. Quando se admite o quão finitos se é, nos resta à perspectiva de viver a vida na sua plenitude. "A única propriedade do ser humano é o seu tempo de vida, que deve ser bem gerido e valorizado, pois cada dia que passa entra no domínio da morte. Será tarde demais controlar esse gasto só no final da vida". (SÊNeca, 2008 p. 15). Por fim, cabe indagar o fato de: por que a morte quase nunca aparece em algum discurso ou debate relevante de nossa sociedade? Por que relutamos em discutir o assunto? Fica aqui a sugestão para outras pesquisas, ampliando o número de pesquisados, incluindo as mães, verificando outros lutos além do provocado pela perda de um filho.

REFERÊNCIAS

- BACKES, Mariana Schubert. **A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos**. 2015, 133 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133087>>. Acesso em: 12 set. 2019.
- RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. Psicologia p.t. O portal dos psicólogos. Set.2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o-processo-de-luto&codigo=A1021>. Acesso em: 10.07.2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Ltda. 1977.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Makron Books, 1986.
- BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. 2011. Rev. Psicopedagogia. V. 28, n. 85. São Paulo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007>. Acesso em: 31 ago. 2019.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOWLBY, John. **Apego e perda**: perda tristeza e depressão. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2004.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2015.

CARVALHO, Ana Barreiros de; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. **O papel do pai e as políticas voltadas à paternidade**. Curitiba: Crv, 2016, 1 v.

CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2002.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de Souza. **Morte**: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia. v. 11, n. 2, maio-ago., 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

DINIZ, Débora. **A custódia e o tratamento psiquiátrico no Brasil**: censo 2011. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2011.

DOYLE, Derek. **Bilhete de plataforma**: vivências em cuidados paliativos. 2. ed. São Paulo: Difusão, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Hélio. **Medicina legal**. 33. ed. Rio de Janeiro: F. Bastos, 2003.

GONÇALVES, Jacinta Tânia Teixeira. **Luto parental em situações de morte inesperada**: reações à perda, estratégias de coping e percepção de qualidade de vida. 2014, 74 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa. Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18271/1/ulfpie047275_tm_tese.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

KLÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos e enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 10. ed. São Paulo: M. Fontes, 2019.

KRZYNARIC, Roman. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Técnicas de pesquisa**. 7. São Paulo: Atlas, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

LEITE, Erika Maria Rocha. **Luto paterno como parte integrante do parto humanizado em um hospital público no nordeste brasileiro**. 2016, 83 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Fortaleza. Fortaleza. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_b7caf6451e4a395f26098399e7102501>. Acesso em: 31 ago. 2019.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. 5. ed. São Paulo: Veras, 1999.

MONTGOMERY, Malcon. **O novo pai: a dimensão da paternidade**. 2. ed. São Paulo: Saraiva1993.

NULAND, Sherwin B. **Como morremos: reflexões sobre o último capítulo da vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PARKES, Colin Murray. **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

_____. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PERAZZO, Sérgio. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2019.

QUINTANS, Érica Tavares. **Eu também perdi meu filho: luto paterno na perda gestacional/neonatal**. 2018, 112 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34141/34141.PDF>>. Acesso em: 08 set. 2019.

RAEBURN, Paul. **O novo papel do pai: a ciência desvenda o impacto da paternidade no desenvolvimento dos filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

_____. **O novo papel do pai: a ciência desvenda o impacto da paternidade no desenvolvimento dos filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

REIS, Gilcelia Lima da Silva. **Homem-pai: do cenário da provisão material à construção do cuidado**. 2016, 102 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19345/2/Gilcelia%20Lima%20Da%20Silva%20Reis.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, Franklin Santana. **Cuidados paliativos: discutindo a vida a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009.

SÊNECA. **Edificar-se para a morte: das cartas morais a Lucílio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Gisele de Fátima. **Cuidados paliativos e subjetividade: ações educativas sobre a vida e o morrer**. 2015, 234 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília. Brasília. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/19165/1/2015_GiselledeFatimaSilva.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2019.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Revista Vozes dos Vales. Publicações Acadêmicas, n. 02, ano 1, out. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6370021-Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configuracoes-familiares-do-seculo-xx.html>> Acesso em: 24 de nov. 2019

WALSH, F; MCGOLDRICK, M. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos**. São Paulo: Summus, 1982.

YALOM, Irvin D. **De frente para o sol: como enfrentar o medo e superar o terror da morte**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

APENDICE A – Roteiro de entrevista

Perfil sociodemográfico

Idade: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Profissão/local de trabalho: _____

Sexo, idade e quando o seu filho faleceu: _____

Roteiro de Entrevista

- 1) Quando e como ocorreu a morte de seu filho?
- 2) Qual foi a sua reação imediata relacionada a perda de seu filho?
- 3) Você sente dificuldades de expressar seus sentimentos?
- 4) Como se sente hoje em relação à perda de filho?
- 5) O que você tem feito para superar o luto?
- 6) Quais tipos de ajuda você procurou para elaborar o luto: amigos, familiares, espiritual, médica, psicológica?
- 7) O que as pessoas te disseram ou te dizem, que te auxiliam ou te prejudicam durante a trajetória do luto?
- 8) Quais mudanças que ocorreram em sua vida relacionadas à perda de seu filho?
- 9) Há mais alguma situação pelo qual você passou que gostaria de comentar a respeito de seu luto?